

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL  
BACHARELADO EM CIÊNCIA POLÍTICA

ELINE LOPES SOARES ALVARENGA

PSDB NO PIAUÍ:  
A FORÇA DESPROPORCIONAL ENTRE ESTADO E CAPITAL

Teresina/PI

2022

ELINE LOPES SOARES ALVARENGA

PSDB NO PIAUÍ:  
A FORÇA DESPROPORCIONAL ENTRE ESTADO E CAPITAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de bacharelado em Ciência Política, da Universidade Federal do Piauí-UFPI, como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Eduardo Veras de Sandes Freitas

Teresina/PI

2022

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e  
Letras Serviço de Processos Técnicos

A473a      Alvarenga, Eline Lopes Soares.  
              PSDB no Piauí : a força desproporcional entre estado e capital /  
Eline Lopes Soares Alvarenga. -- 2022.  
              32 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade  
Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras,  
Bacharelado em Ciência Política, Teresina, 2022.

“Orientador: Prof. Dr. Vitor Eduardo Veras de Sandes Freitas.”

1. Partido da Social Democracia Brasileira - Piauí. 2. Partidos  
políticos - Piauí. I. Freitas, Vitor Eduardo Veras de Sandes.

II. Título.

CDD 324.281 22

Bibliotecária: Thais Vieira de Sousa Trindade - RB3/1282

PSDB no Piauí:

A força desproporcional entre estado e capital

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de bacharelado em Ciência Política, da Universidade Federal do Piauí-UFPI, como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Ciência Política.

Teresina, 11 de maio de 2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Vítor Eduardo Veras de Sandes Freitas

(Orientador) Universidade Federal do Piauí - UFPI

---

Prof. Adauto de Galiza Dantas Filho

Escola do Legislativo - ALEPI

---

Prof. Joscimar Souza Silva

Universidade Federal do Piauí - UFPI

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à Deus, que abriu tantas portas ao longo de minha vida, mas, principalmente, durante essa graduação, por me dar forças para me reinventar ao longo dessa jornada. Obrigada aos meus pais e minha irmã, porque sem o apoio dessa família não teria tido exemplos e a paciência de lidar com os obstáculos nesse caminho, vocês são meu maior exemplo, orgulho e alicerce.

Obrigada a todos meus amigos e colegas que estiveram comigo em cada passo do caminho assim como todos os professores que me proporcionaram a capacidade para estar aqui nesse momento. Ao curso de Ciência Política, em geral, por ter aberto meus olhos para muito que eu ainda tenho a aprender.

Obrigada a comunidade literária que me acolheu durante esses últimos três anos e que trouxe coragem para arriscar nesse mundo. Asas de Cinder, nasceu de um momento de apego aos livros e hoje é o que vocês me ajudaram a tornar. Agradeço à comunidade da Twitch que esteve ao meu lado enquanto escrevia essa pesquisa e que acompanhou cada capítulo dessa história, vocês seguraram minha mão nas lágrimas e nas risadas e sou eternamente grata por isso.

Agradeço a minha melhor amiga por ter sido minha inspiração, força e crença quando os obstáculos surgiram, por me fazer rir quando estava cansada e quase desistindo. É por pessoas como você, que continuo lutando a cada dia, acreditando no potencial de cada oportunidade.

Por fim, gostaria de agradecer aos livros por terem me dado a chance de viver minhas próprias batalhas. Sonhos são mais do que desejos em pensamentos fugazes, eles também são inspirações, fonte de coragem e determinação. Através de vocês, eu vivi momentos felizes, lições importantes e viagens inesquecíveis. Obrigada aos meus eternos sonhadores: aqueles que residem em páginas que marcaram cada passo que dei até estar aqui, aqueles que ainda irei conhecer e aqueles que moram em minha mente, espero que possam conhecer o mundo, um dia.

## RESUMO

A pesquisa visa analisar a fundação e resultados do Partido da Social Democracia Brasileira dentro do estado do Piauí e a desproporcionalidade de sua força dentro da capital, Teresina, compreendendo desde sua fundação no âmbito nacional. Além de compreender a história de formação do partido e sua trajetória de mudanças ao longo dos anos, de 1998 a 2020, levando em conta eleições majoritárias em três cargos específicos: Presidente, Governador e Prefeito, por meio de avaliações teóricas e dados obtidos através das eleições para esses cargos e de que forma isso impactou para o que o PSDB é atualmente. Por fim, buscar compreender o que afetou a escolha do eleitorado para culminar no declínio do domínio do partido sobre a prefeitura, após cerca de três décadas, em 2020 e apresentar perspectivas para o futuro do partido a partir desse declínio somado a ausência de suas principais figuras de lideranças, como o ex-prefeito Firmino Filho que faleceu em 2021.

**Palavras-chave:** Eleições; Prefeitura de Teresina; Piauí; PSDB

## **ABSTRACT**

This article seeks to analyze the foundation and results of the Brazilian Social Democracy Party within the state of Piauí and the disproportionality of its strength within the capital, Teresina, comprising since its foundation at the national level. In addition to understanding the history of the formation of the party and its trajectory of changes over the years, from 1998 to 2020, taking into account majority elections in three specific positions: President, Governor and Mayor, through theoretical evaluations and data obtained through the elections for these positions and how this impacted what the PSDB is today. Finally, seek to understand what affected the choice of the electorate to culminate in the decline of the party's dominance over the city hall, after about three decades, in 2020 and present perspectives for the future of the party from this decline added to the absence of its main leading figures, such as former mayor Firmino Filho who passed away in 2021.

**Keywords:** Elections; Teresina City Hall; Piaui; PSDB.

## **LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS**

FIGURA I – Processo de mudança dos Partidos.....	15
TABELA I – Candidatos a governador no Piauí (1998 – 2018).....	24
TABELA II – Eleitos a prefeito em Teresina-PI (2000 – 2020).....	26
GRÁFICO I – Avaliação administrativa da gestão de Firmino Filho em 2020.....	29



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. TRANSFORMAÇÃO DOS PARTIDOS POLÍTICOS NO CONTEXTO DEMOCRÁTICO.....	09
3. PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA (PSDB).....	19
4. PSDB NO PIAUÍ.....	21
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	26
6. PSDB EM TERESINA.....	26
7. ELEIÇÕES DE 2020 EM TERESINA.....	28
8. CONCLUSÕES.....	31
9. REFERÊNCIAS.....	32

## 1. INTRODUÇÃO

Weber (1922) define partidos políticos como uma organização associativa que possui um fim discutido entre seus membros. Tal fim pode ser objetivo – quando há um alvo material ou ideal, pessoal – quando benefícios e poder são almejados ou, ainda, uma fusão dos dois. Assim, pode-se perceber que os partidos têm, naturalmente, a vontade de conquistar o poder político em uma comunidade. Com base nessa definição, é possível afirmar que as associações que conhecemos como partidos surgem quando o sistema político atinge um determinado grau de autonomia estrutural, de complexidade interna e de divisão do trabalho que exijam que variadas partes do sistema tenham participação nas tomadas de decisões políticas e que as partes as quais tais decisões se referem tenham representantes. Ou seja, o partido é uma organização da sociedade civil que surge no momento em que ao povo é reconhecido o direito de participar na administração do poder político.

A partir dessa visão, os primeiros partidos emergem em países adotantes de alguma forma de governo representativo. Isso não significa, no entanto, que esta seja uma condição essencial para o surgimento dos partidos; significa, somente, que os governos representativos foram gerados por processos civis e sociais que já previam representantes do povo no poder, o que, posteriormente, conduziu à democratização da vida política e o acesso ao sistema político por diferentes áreas da sociedade civil. Em outras palavras, o nascimento dos partidos está relacionado à participação ou o aumento da demanda da participação de diversos campos da sociedade no processo de formação das decisões políticas. É mais comum ver tais demandas surgirem em meio a grandes transformações econômico-sociais que atingem o status quo da sociedade e ameaçam as relações de poder. São nesses momentos que se pode observar o crescimento de organizações dispostas a agir em favor de um setor excluído daquele meio ou que sugerem uma nova ordem societal, contanto que se leve em consideração a organização política de cada país.

Em vista disso, a relevância deste plano de trabalho no conjunto da pesquisa está centrada em dois pontos. Primeiro, é necessário compreender melhor o funcionamento do regime democrático brasileiro. Ampliando o número de estudos sistemáticos sobre as dinâmicas políticas estaduais, principalmente quanto aos partidos políticos nos estados e

suas alianças eleitorais, e, neste caso, em específico, sobre o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), devido sua trajetória histórica de relevância para o sistema partidário nacional e, conseqüentemente, nos subsistemas partidários estaduais (ROMA, 2002; VIEIRA, 2012; POWER, 2003).

Assim sendo, esta pesquisa visa analisar a fundação e resultados do Partido da Social Democracia Brasileira dentro do estado do Piauí e a desproporcionalidade de sua força dentro da capital, Teresina, além de compreender a história de formação do partido e sua trajetória de mudanças ao longo dos anos, de 1998 a 2020, levando em conta eleições majoritárias em três cargos específicos: Presidente, Governador e Prefeito, uma vez que ao se compreender a dinâmica de organização interna e eleitoral do PSDB nos estados, pode-se perceber o quanto esses contextos estaduais são influenciados pela lógica competitiva estabelecida no nível nacional.

Além de buscar compreender o que afetou a escolha do eleitorado para culminar no declínio do domínio do partido sobre a prefeitura, após cerca de três décadas, em 2020. Em outras palavras, por que o PSDB consegue ser tão abrangente na capital mas não no Estado do Piauí?

As evidências a serem trabalhadas na pesquisa foram obtidas através de fontes documentais. Primeiramente, identificou-se os dados relativos à composição dos quadros do PSDB nos estados. Sendo levantados, ainda, dados relativos à composição das coligações eleitorais estaduais durante o período em análise nesta pesquisa (1998-2020), disponibilizados no site Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e dos Tribunais Regionais Eleitorais (TRES). Dados esses, coletados a fim de comprovar a ideia de que o partido apoiou-se sobre determinadas figuras ao longo do tempo na capital, mas que não conseguiu repetir o mesmo processo fora de um grande centro urbano para atingir o pleito estadual.

O presente trabalho fundamenta-se em uma pesquisa teórica a respeito dos acontecimentos que afetaram o partido do PSDB ao longo das últimas três décadas no Piauí, afim de buscar comprovar que seu modelo de formação não se adaptou a realidade da região e portanto, veio perdendo força com a perda de um elemento importante a ser comentado, o caráter personalista da política. A pesquisa inicia-se com uma contextualização a respeito da formação de partidos políticos de acordo com a literatura, adentrando o campo de análise desta pesquisa, o Partido da Social Democracia,

analisando sua fundação nacional, sem seguida, aborda-se a formação de seu diretório estadual no Piauí.

Por fim, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa, com a análise de dados a respeito da atuação do partido na capital, Teresina e a perspectiva após à morte de uma de suas maiores lideranças.

## **2. TRANSFORMAÇÃO DOS PARTIDOS POLÍTICOS NO CONTEXTO DEMOCRÁTICO**

Bobbio (1976) refletiu sobre partidos políticos buscando compreender o seu surgimento. Por meio de Weber (1922), observou-se sua definição como uma organização associativa que possui um fim discutido entre seus membros. Tal fim pode ser objetivo – quando há um alvo material ou ideal, pessoal – quando benefícios e poder são almejados ou, ainda, uma fusão dos dois. Assim, pode-se perceber que os partidos têm, naturalmente, a vontade de conquistar o poder político em uma comunidade. Com base nessa definição, é possível afirmar que as associações que conhecemos como partidos surgem quando o sistema político atinge um determinado grau de autonomia estrutural, de complexidade interna e de divisão do trabalho que exijam que variadas partes do sistema tenham participação nas tomadas de decisões políticas e que as partes as quais tais decisões se referem tenham representantes. Ou seja, o partido é uma organização da sociedade civil que surge no momento em que ao povo é reconhecido o direito de participar na administração do poder político.

A partir dessa visão, os primeiros partidos emergem em países adotantes de alguma forma de governo representativo. Isso não significa, no entanto, que esta seja uma condição essencial para o surgimento dos partidos; significa, somente, que os governos representativos foram gerados por processos civis e sociais que já previam representantes do povo no poder, o que, posteriormente, conduziu à democratização da vida política e o acesso ao sistema político por diferentes áreas da sociedade civil. Em outras palavras, o nascimento dos partidos está relacionado à participação ou o aumento da demanda da participação de diversos campos da sociedade no processo de formação das decisões políticas. É mais comum ver tais demandas surgirem em meio a grandes transformações econômico-sociais que atingem o status quo da sociedade e ameaçam as relações de

poder. São nesses momentos que se pode observar o crescimento de organizações dispostas a agir em favor de um setor excluído daquele meio ou que sugerem uma nova ordem societal, contanto que se leve em consideração a organização política de cada país.

Duverger (1970) apresenta a visão de que o desenvolvimento dos partidos está de certa forma, associado ao da democracia, a extensão do sufrágio popular e das prerrogativas parlamentares, por meio de assembleias políticas que se desenvolvem em suas funções, autonomia e uma necessidade de seus membros de se agruparem por afinidade, levando em consideração o que o autor define como relações externas, no sentido de patrocínio e o enquadramento da organização interna desse conjunto. Para o autor, define-se partidos como:

Um partido não é uma comunidade, mas um conjunto de comunidades, uma reunião de pequenos grupos disseminados através do país (seções, comitês, associações locais etc.), ligados por instituições coordenadoras. (DUVERGER, 1970, p.52).

Para Panebianco (2005), um partido assim como qualquer organização tratava-se de uma estrutura em movimento que sofre evoluções, que se modifica no tempo e que reage às mudanças externas, à modificações dos “ambientes” nos quais está inserido e atua, definindo-se por sua historicidade e origem para formação dos partidos.

Seguindo por estas definições, analisa-se em sua obra *Modelos de Partidos*, o modelo originário — os fatores que caracterizam a organização — e o modelo de institucionalização — os meios pelos quais a organização solidifica-se. O primeiro modelo provém de fatores como história, como nasceu e se consolidou. Ou seja, a) o modo como se organizou — por *penetração*<sup>1</sup> ou *difusão*<sup>2</sup> territorial; b) a existência de patrocínio — a presença ou não de uma instituição que financie o nascimento do partido; c) uma presença carismática na formação do partido — um fator de importância é a existência de um líder que seja caracterizado como idealizador e interprete do caráter político do partido, tornando suas existências inseparáveis.

---

<sup>1</sup> “Há penetração territorial quando um “centro” controla, estimula e dirige o desenvolvimento da “periferia”, a formação das associações locais e intermediárias do partido.” A. Panebianco, *Modelos de Partido: Organização e poder nos partidos políticos*, 2005, p. 94

<sup>2</sup> “Há difusão territorial quando o desenvolvimento se dá por “germinação espontânea”: são as elites locais que, num primeiro momento, constroem as associações partidárias, e somente depois essas associações são integradas numa organização nacional.” A. Panebianco, *Modelos de Partido: Organização e poder nos partidos políticos*, 2005, p. 94

Para Duverger (1970), a origem dos partidos situa-se sobre uma diferenciação básica, não referindo-se propriamente a organização interna do mesmo, mas ao que demandou sua existência. Em uma distinção entre partidos de criação *interna* e *externa*, a primeira, o que poder-se-ia chamar de forma parlamentar, está entre os partidos cujo nascimento se deve à ação de elites parlamentares existentes, enquanto que os de origem externa, seriam fruto de grupos e associações que agem na sociedade civil.

A base para este autor provém de grupos parlamentares e comitês eleitorais, onde os primeiros guiados pelas elites sociais tradicionais, transformaram-se de grupos locais em grupos ideológicos, em defesa de seus interesses internos. Os comitês eleitorais possuíam um apelo à extensão do sufrágio popular e o enquadramento de novos eleitores, desenvolvidos por sentimentos igualitários. Ambos de origem interna. Quanto a origem externa, distinguindo-se da criação eleitoral e parlamentar, caracterizava uma instituição fora das eleições e do parlamento, os sindicatos.

A organização dos partidos, ou como Panebianco (2005) aborda, a institucionalização — as metas ideológicas, a base social de organização, o “território de caça” e a organização em construção — redundam sobre a identidade deste grupo, ou seja, o processo pelo qual esta instituição incorpora seus objetivos e valores de seus fundadores, os interesses e as lealdades inerentes a ela.

Essa institucionalização organizativa pode ser medida pelo grau de *autonomia* e de *sistemicidade* ou interdependência.

Uma organização tem autonomia quando desenvolve a capacidade de controlar diretamente os processos de troca com o ambiente. Uma organização é dependente quando os recursos indispensáveis ao seu funcionamento são controlados externamente por outras organizações (PANEBIANCO, 2005. p. 104).

A autonomia debruça-se sobre como uma organização exerce controle sobre seu território de atuação, como adapta-se ou o modifica para adequar-se a si mesma. Panebianco (2005), através de Duverger, observa sob a ótica associativa entre autonomia e máxima institucionalização possível:

o partido controla diretamente as próprias fontes de financiamento (por meio da afiliação), domina as próprias associações colaterais e, por seu intermédio, estende a sua hegemonia sobre a *classe gardée*; possui um aparato administrativo central desenvolvido (forte burocratização); escolhe os seus quadros dirigentes no seu próprio interior, com ou sem um mínimo de aportes

externos; por fim, os seus representantes nas assembleias públicas são controlados pelos dirigentes internos do partido. (...) autonomia extremamente fraca com relação ao ambiente; que depende do exterior para seu financiamento (PANEBIANCO, 2005, p. 105).

Dessa forma, quanto mais uma organização seja autônoma em relação ao seu ambiente de atuação e seus incentivos, mais definidos são seus limites. A sistemicidade refere-se a estruturação interna dessa organização, as subunidades controlam-se independentemente do centro da organização, adquirindo seus próprios recursos necessários ao seu funcionamento. Do contrário, cria-se uma forte interdependência entre essas subunidades, fortificando um controle centralizado de recursos organizativos, gerando um processo de troca com o ambiente.

Nesse sentido, Duverger (1970) aborda as ligações verticais e horizontais, *centralização* e *descentralização*. A ligação vertical vincula-se dois organismos subordinados um ao outro, onde a escolha de um necessariamente põe em segundo plano ou exclui-se o outro, enquanto que a horizontal, essa mesma ligação situa-se no mesmo nível. O autor ainda destaca que esta segunda ligação resulta de um contato entre os membros dos grupos de base do partido ou de contatos entre os dirigentes locais vizinhos. Esse processo considera a capacidade de dominar os organismos anexos do partido ou para centrar-se em relação a partidos adversos ou paralelos.

Essa influência recai sobre a maleabilidade dessas instituições conforme o avanço das demandas sociais, englobando simpatizantes e modificando seus interesses para a base e não somente aos fundadores do partido. Com base nisso, discute-se quanto a centralização e a descentralização. É necessário salientar que não se considera semelhanças entre descentralização com ligações horizontais, nem mesmo centralização as ligações verticais, uma vez que:

Ligações verticais e ligações horizontais definem modalidades de coordenação dos elementos de base que compõem o partido; centralização e descentralização, referem-se à repartição dos poderes entre os escalões de direção (DUVERGER, 1970, p. 88).

Enquanto que Duverger (1970) aborda a forma como o poder se mantém nos níveis organizativos do partido, Panebianco relata o que constitui a força dessa estrutura. Duverger estabelece que a existência de autoridade efetiva local que pertença ao centro do partido, no qual, todos podem ter acesso, manifesta-se a ligação horizontal, uma vez

que essas autoridades estão isoladas, sendo delegadas por antecessores, caracteriza-se as ligações verticais. Com estas prerrogativas, dois partidos que adotam as decisões essenciais sejam resolvidas por parte da base ou quadro local, caracteriza-se partidos descentralizados, por outro lado, deixando-se a par dessas decisões, direções centrais, então ambos partidos tornam-se centralizados.

Panebianco (2005) retrata as dimensões da institucionalização organizativa, por meio da união de fatores estruturais mais avançados, além das relações com o ambiente, como a autonomia e as ligações relatadas por Duverger (1970), além da sistemicidade, unindo-se a essas duas dimensões, a capacidade de mutabilidade da instituição. Para este autor, a dependência do ambiente associada a um controle independente de seu centro, caracteriza-se uma institucionalização fraca.

Do contrário, uma institucionalização forte revela um fraco controle sobre si e uma relação estreita com o centro sob seu comando, uma burocracia central desenvolvida. Tornando-se, portanto, mais frágil pelo impacto que a degradação que um componente desta rede possa sofrer e repercutir automaticamente nos demais, enquanto que na fraca institucionalização, sua independência dos demais componentes, torna-se um fator positivo nessa situação.

Quanto a mutabilidade de um partido, é importante lembrar como o próprio Panebianco ressalva:

Um partido com forte institucionalização é um partido em que as mudanças são lentas, circunscritas, fatigantes, é uma organização que tem mais facilidade para se degradar pela excessiva rigidez do que para experimentar mudanças profundas e repentinas (PANEBIANCO, 2005, p. 108).

Em outras palavras, quanto mais fraca uma instituição, a coalizão dominante torna-se mais dividida, do contrário, quanto mais forte, mais coesa a coalizão. Remetendo-se agora a organização interna de seus diretórios partidários, se podemos assim denominá-los.

uma institucionalização forte implica uma forte concentração do controle sobre as zonas de incerteza e, por consequência, sobre a distribuição dos incentivos organizativos. Uma institucionalização fraca implica dispersão do controle sobre as zonas de incerteza e, portanto, ausência de um “centro” que monopolize a distribuição dos incentivos. (...) quanto mais institucionalizado for o partido, menos organizados serão os grupos internos. E, correlativamente, quanto menos institucionalizado for o partido, mais organizados serão os grupos internos (PANEBIANCO, 2005, p. 111-12).



Todavia, é necessário relatar que nenhum partido, necessariamente, corresponde totalmente a essa classificação, estabelecendo-se sim, uma escala entre mínimo e máximo para a institucionalização, sem ocupar, é claro, seus extremos.

Valendo-se dos modelos de criação dos partidos já explicados através de Duverger (1970), o desenvolvimento por *penetração* tende, segundo Panebianco (2005), a criar uma instituição forte, uma vez que uma elite coesa pode imprimir um desenvolvimento solidificado a instituição que está surgindo. Por outro lado, a *difusão* tende a produzir uma instituição fraca, existindo muitas elites locais controlando os recursos organizativos, desenvolvendo-se por meio de negociações e acordos entre a maioria dos grupos envolvidos.

O patrocínio relaciona-se estritamente com esse ponto, já que a presença de uma organização externa financiando o partido, produz uma conexão de dependência do mesmo para com ela, sem interesse algum que ela se fortaleça e deixe esta posição de subordinação, em outras palavras, produz uma institucionalização fraca. A inexistência dessa organização externa patrocinando o partido, constitui a força da institucionalização, sem essa relativa dependência.

O carisma, por fim, último ponto, resvala em uma instituição que perpetuará uma forte centralização da autoridade em seu interior, com a permissão para uma institucionalização relativamente forte, uma vez que o líder não possui interesse em fortalecer a organização do partido.

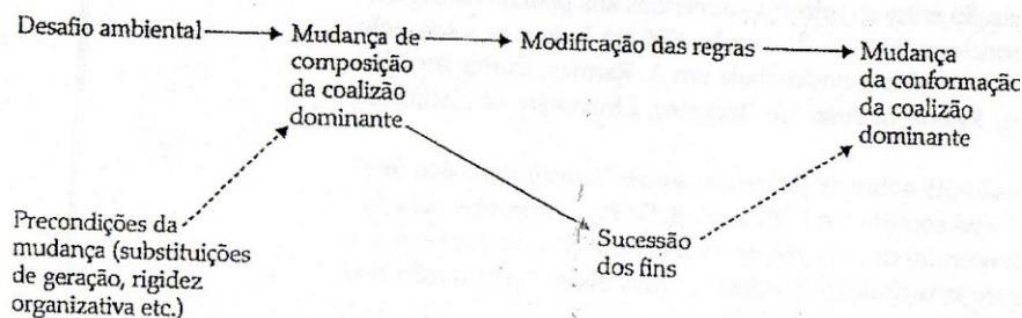
As mudanças que levaram os partidos a atingirem a condutibilidade apontada anteriormente, vieram do ambiente, na maior parte dos casos, causadas pelo efeito do estímulo externo, unindo-se a fatores internos que movimentam as estruturas de poder. Em outras palavras, a mudança pode ser *exógena*<sup>3</sup> ou *endógena*<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> “é induzida pelo exterior. São as mudanças ambientais que induzem a organização a adaptar-se à mudança, renovando-se. O ambiente, ao modificar-se, cria um desafio para a organização, e esta responde ao desafio transformando-se.” A. Panebianco, *Modelos de Partido: Organização e poder nos partidos políticos*, 2005, p. 473

<sup>4</sup> “o fruto de mudanças na distribuição do poder no interior da organização.” A. Panebianco, *Modelos de Partido: Organização e poder nos partidos políticos*, 2005, p. 473

**Figura 01 — Processo de mudança dos Partidos**



**Fonte: Extraído de Panebianco (2005, p. 478)**

De acordo com o esquema criado por Panebianco (2005), é o desafio ambiental que demonstra que a antiga coalizão dominante não possui mais capacidade de controlar as zonas de incerteza organizativa, com sistema de incentivos ameaçado, assim como as retribuições e materiais, comprometidos. Essa incontornabilidade do ambiente, gera uma crise de identidade pelo abalo da crise organizativa, acarretando-se uma modificação das regras, a exigência de que a antiga coalizão dominante se modifique, permitindo aquelas elites locais uma vez fora do poder, acesso ao cargo de decisões.

frequentemente, os partidos surgem a partir de situações de crise. Em algumas circunstâncias, eles são criaturas de uma crise política sistemática, enquanto em outras circunstâncias sua própria emergência cria uma crise no sistema. Quase sempre, uma crise ocorre em decorrência do fato de que as elites políticas estabelecidas não querem ou não são hábeis para lidar com isso de modo a inibir o estabelecimento de organizações políticas de oposição. Essas crises históricas então colocam uma “carga” sobre o sistema político tradicional, que tanto pode resultar na organização dos partidos políticos como, na verdade, ser causada pela emergência dos partidos. (...) O ponto que queremos defender aqui é que as crises históricas não apenas frequentemente suprem o contexto no qual os partidos políticos emergem pela primeira vez, como também tendem a ser um fator crítico na determinação de qual padrão a evolução dos partidos tomará posteriormente (LaPALOMBARA, MYRON, 2015, p. 13-14).

Entretanto essa mudança possui dificuldades dadas sua extensão. A primeira, seria, necessariamente, a composição da coalizão dominante.

muitas substituições nos partidos não são absolutamente o produto de mudanças nas relações de força entre os grupos internos, mas apenas o efeito de processos normais de cooptação. (...) Naturalmente, é muito difícil distinguir na prática entre renovação dos grupos dirigentes, devido à cooptação, e renovação devido a alterações internas de poder (PANEBIANCO, 2005, p. 483-84).

A segunda dificuldade que pode ser encontrada é a não adaptação ou reconhecimento da mesma, com a reestruturação organizativa, as modificações políticas ocorridas dentro do jogo harmonizam com a liderança, trabalhando para que a coalizão dominante vigente permaneça no poder apesar das modificações. Podendo haver mudanças nessa coalizão, sem necessariamente removê-la do poder ou substituir o líder propriamente dito.

A terceira dificuldade abordada por Panebianco (2005), seria o modo como essa mudança se porta, ou de que forma ela é necessária, além da profundidade, intensidade, levando em conta o tempo, uma vez que, redefinições cautelosas podem ser lentas e moderadas, importando seus objetivos.

Portanto, cabe-se concluir que as mudanças devem ser entendidas como efeito, previsto e desejado, pelo grupo dirigente, objetivando melhorar a organização, além de que a mudança é fruto de uma sucessão de gerações, controlando as zonas de incerteza, sem subestimar o papel dos conflitos. Ressalvando-se:

nenhuma organização pode fugir totalmente ao seu próprio passado. Por mais forte que seja a renovação da liderança, profundas as mudanças no corpo da organização e radical a “sucessão dos fins”, não desaparecerão os traços, sempre visíveis e numerosos, do “modelo originário” da organização (PANEBIANDO, 2005, p. 508).

No início dos anos 1950, Duverger afirmou que os grandes partidos norte-americanos, com uma evolução diferenciada manifestou certo atraso organizativo aos partidos de massa da Europa. Em seguida veio, Kirchheimer (2012), com o tipo *catch-all*, o qual seria apenas uma etapa, que transformariam-se em partidos de “integração”, de classe e confessionais em escritórios eleitorais cada vez mais semelhantes aos partidos norte-americanos.

Essa passagem, de partido de massa para “pega-tudo”, na opinião de Kirchheimer (2012) ampliaria o espaço de atuação, incluindo mais grupos sociais, onde o partido concentraria mais atenção naquelas categorias sem conflitos de interesse entre si, perpetuando sua atuação por tradições políticas e pela fisionomia do sistema de estratificação social. Quando se fala de integração, o autor refere-se à capacidade de um sistema político de fazer com que grupos e membros, antes excluídos da política, tornem-

se membros do processo político, pressupondo-se uma boa-vontade da sociedade de aceitar esta parceria.

O autor permanece nessa ideia, uma vez, que os partidos *catch-all* encontram limites impostos pela estrutura tradicional social, uma vez que esse tipo de partido tende a manter sua base, a classe trabalhadora, ao mesmo tempo que busca agregar variedades de outros grupos sociais. Em outras palavras, seus objetivos: a) integrar as pessoas na comunidades; b) influenciar outros centros de poder na medida em que as pessoas estejam desejosas de seguir sua liderança; c) indicar para os cargos públicos, para atar esses propósitos.

Entretanto, essa mudança integralizada implica:

a) a drástica redução da bagagem ideológica do partido. (...) b) Maior estreitamento entre grupos de lideranças do topo das organizações (...) c) Rebaixamento do papel do membro partidário individual (...) d) Perda da ênfase na *classe gardée* (...) e) Garantia do acesso à variedade de grupos de interesse (KIRCHHEIMER, 2012, p. 370-71).

De acordo como Bobbio (1998), Os partidos de massa, também considerados como partidos modernos, são julgados por alguns como os mais aptos a permitir a participação política dos cidadãos, e tido para outros como partidos de estrutura antidemocrática que servem como instrumento para manipulação das massas. Kirchheimer (2012), chama a atenção para o fato de que o partido *catch-all* afasta-se do contato direto com o público, uma vez que o intuito do partido é a atração máxima de eleitores no dia da votação, distancia-se, por sua vez, de expectativas como a militância, pelo respeito aos interesses inseridos ali no contexto, dos grupos que o compõe. Mas a verdadeira questão é: qual a diferença entre o partido *catch-all* e o de integração?

O partido *catch-all* fará seu máximo para estabelecer o consenso, de modo a evitar algum realinhamento partidário. O partido de integração até pode contar com a maioria dos mecanismos políticos para implementar seu programa, mas logo descobrirá que os interesses hostis frustram a decisão majoritária por meio dos mecanismos econômicos e sociais de que dispõem (KIRCHHEIMER, 2012, p. 379).

Porém, o declínio na participação da população nas atividades partidárias, a maior instabilidade do eleitorado e o aumento do distanciamento entre as bases partidárias fez

com que as agremiações se aproximassem do Estado, é nesse momento que emerge o *partido cartel* operando entre o Estado e a sociedade civil.

De acordo com Katz e Mair (2002), apesar deste declínio, devemos retratar o que já foi explicado, a mudança. A crise é um predisposto para a modificação da estruturação e o modo operante do partido, compreendo-os, não como unidades organizacionais indivisíveis, sim como portadoras de três faces distintas que se comunicam, contando com seus próprios recursos, oportunidades, incentivos e restrições: a) a face pública do partido (organização no governo ou no parlamento); b) a base partidária (militantes, filiados, contribuintes e eleitores fiéis); c) a direção nacional do partido (membros de diretórios e executivas nacionais até o alto escalão da burocracia partidária);

Para esses autores, o partido *catch-all* pode significar conflito entre a base e a face pública do partido, porém as organizações contemporâneas assemelham-se mais aos modelo do *partido cartel* onde a face pública se interpõe mais sobre a base:

(...) Sugerimos que o desenvolvimento das organizações partidárias na Europa ultrapassou o período do partido *catch-all* e entrou em uma nova fase, na qual os partido encontram-se cada vez mais dominados (...) pela face pública do partido (KATZ, MAIR, 2002, p. 122).

Com uma origem por motivos ideológicos, o PSDB construiu uma aliança centro-direita para atingir o poder federal e, cerca de oito anos após seu surgimento, conseguiu dobrar a duração do mandato presidencial. O partido foi criado com o intuito de buscar espaço de poder, a partir de ações pragmáticas.

Sua criação como partido interno ao sistema parlamentar propiciou uma estrutura organizacional fraca, descentralizada, a inexistência de atividades extra-eleitoral e pequena participação dos filiados e a falta de instâncias democráticas de veto às decisões das elites dirigentes. Essa estrutura, por sua vez, facilitou a aproximação entre o partido e o PFL, principalmente porque o programa de governo de ambos os partidos apresenta uma visão ideológica próxima do liberalismo (ROMA, 2002, p.72).

Com uma criação pragmática, partindo de centro-esquerda para centro-direita ao atingir o executivo federal, facilitou-se a adoção de alianças eleitorais e governamentais, por possuir poucas instâncias de veto, onde o poder de decisão situa-se nas lideranças, ao mesmo tempo que confere autonomia aos seus diretórios em questões locais. Com uma estrutura organizacional fraca — pelo pouco tempo de filiação, além de um grau elevado

de filiações por imigração partidária, não havia instâncias institucionais concentradas para a militância exercer poder de veto, uma vez que as afinidades ideológicas das lideranças gira em torno do ideário liberal.

Duverger (1970) desenvolve, a partir de uma análise comparativa de partidos da Europa Ocidental, levando em consideração seus aspectos históricos, ideológicos e organizacionais, uma tipologia de partidos, na qual, destaca-se para esse trabalho, o partido de quadros.

Esse tipo de partido diz respeito às agremiações formadas no século XIX que conseguiram chegar ao século XX, principalmente por características conservadoras e liberais. Suas características circundam em: origem interna ao parlamento, organização interna de baixa intensidade, fraca articulação estrutural entre as instâncias organizacionais, estrutura nacional descentralizada, ausência de critérios claros de adesão, financiamento partidário dependente de alguns grandes doadores privados e concentração do poder decisório nas mãos da elite parlamentar.

Esse tipo de caracterização cabe no PSDB, uma vez que ele foi criado a partir de parlamentares do PMDB e como veremos a frente, apresenta baixa institucionalização, por conta de sua expansão acelerada tem fraca estruturação, além de quê, em análise constata-se seus baixos critérios de adesão e a concentração elitizada, além do impacto do patrocínio, como já citado anteriormente por Panebianco (2005), criando uma relação de dependência para com o meio externo ou seus “patrocinadores”.

### **3. PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA (PSDB)**

O PSDB, Partido da Social Democracia Brasileira, surgiu em 1988, proveniente de uma cisão entre os parlamentares do PMDB, os quais se autodenominavam progressistas e a parte à esquerda deste partido. Com origem exclusivamente parlamentar, compõe-se inicialmente por políticos influentes. O partido veio de distensões internas na bancada parlamentar do PMDB, assim como o predomínio de um grupo em São Paulo que disputava posições de poder com o partido, além da apresentação da candidatura de João Leiva para prefeitura de São Paulo, uma aliança com o PFL e o então prefeito da cidade, Jânio Quadros, esta composição gerou uma ruptura dos fundadores peessedebistas com o PMDB, de acordo com Lamounier.

A partir de 1998, é que o partido deslocou-se ideologicamente da posição de centro-esquerda para direita, redefinindo diretrizes políticas, abandonando o ideário social-democrata para aderir ao programa do governo chamado neoliberal, de forma mais favorável ao mercado, em aliança ao PFL, com uma agenda política voltada para a desregulamentação da economia, abertura econômica ao capital estrangeiro e privatização das empresas estatais. Além de incentivar a livre negociação entre patrões e empregados, privilegiando a autonomia sindical.

Os problemas sociais como desigualdade social e pobreza, obteriam solução através da estabilidade monetária, austeridade fiscal, descentralização da administração pública e do crescimento econômico sustentável. Defendendo prioritariamente a propriedade privada em relação ao desenvolvimento econômico. Na estrutura interna de poder, existem a divisão de órgãos assim como suas competências, estipulando uma ligação vertical, hierarquizada entre os níveis nacional, estadual e municipal.

Quanto a filiação, é pragmática, sem perspectiva de ascensão de carreira dentro da organização e sim, com formas atrativas para lideranças que já possuam algum cargo eletivo. O perfil das lideranças do partido gira em torno de conservadora ou reformista pró-liberalismo, com a adesão de parlamentares de direita, com experiências eletivas anteriores.

Em 1999, o partido trouxe uma reestruturação, com novo estatuto, reforçando dois aspectos da organização partidária, a descentralização na estrutura interna de poder e o pragmatismo na conduta partidária, além de mais autonomia aos diretórios estaduais e municipais nas tomadas de decisão. Pela ânsia de uma liderança majoritária nas eleições, o PSDB chegou a sua característica fundamental, a aliança política, a qual explica seu desempenho nas disputas eleitorais e governamentais.

Levando em consideração essas mudanças, essa pesquisa inicia a análise de dados desde o ano de 1998, para efeito de possíveis comparações, apesar de este já ser um ano em que o partido migrou para a posição de direita, ideologicamente, porém ao dados a respeito das eleições e coligações dentro do portal do TSE anteriores são incompletos, então parte-se do momento em que o PSDB aliou-se ao PFL, como já mencionado.

Essa aliança se refletiu justamente na vitória de Fernando Henrique Cardoso (FHC) nas eleições de 1998, reelegendo-se para o cargo de Presidente, justamente com outros três partidos: PPB, PTB e PSD.

A dificuldade de montar uma candidatura consensual dentro do PSDB demonstrava a incapacidade do presidente Fernando Henrique em estabelecer os critérios de sua sucessão. A origem disso estava no tipo de relação estabelecido entre a presidência da República e o partido dominante da coalizão, subserviente em demasia e, conseqüentemente, incapaz de estabelecer um projeto próprio. É evidente que a chegada ao Palácio do Planalto, em 1994, trouxe bônus aos tucanos. Obteve-se o poder máximo do país antes que o partido completasse dez anos de existência. Depois, houve a conquista de vários governos estaduais, fortalecendo ou consolidando sua posição em diversas regiões do país. Por fim, aumentou expressivamente o tamanho e o peso de sua bancada nacional, processo que teve seu cume com a vitória do deputado Aécio Neves na disputa pelo comando da Câmara federal. O crescimento peessedebista foi inegável, mas o legado dos oito anos de governo também revelou os limites e a fragilidade do PSDB como estrutura partidária autônoma e desvinculada do poder presidencial. (COUTO, CLÁUDIO G. e ABRUCIO, FERNANDO, 2003).

Levando seu sucesso no pleito e seus parâmetros alinhados com as mudanças do partido em 1998 a respeito de seu posicionamento ideológico, FHC constituiu uma espécie de “base” que influenciou os diretórios, gerando o crescimento do partido e sua expansão, porém, diferentemente de suas coligações para a disputa presidencial, no Piauí, suas alianças carregam um peso ideológico de característica mais popular, caminhando para a “esquerda”, uma vez que o candidato que foi sua aposta para a disputa em 1998, Francisco Gerardo da Silva, carregava consigo uma coligação composta por: PT, PSC e PSB.

#### **4. PSDB NO PIAUÍ**

O PSDB, fundado em 25 de junho de 1988, de acordo com a pesquisa desenvolvida por Martins (2020), entrevistando o ex-presidente do partido no estado do Piauí, Roberto Reis Filho, a origem deu-se pela insatisfação de alguns parlamentares do PMDB, com a elaboração da Constituição Feral deste mesmo ano em relação as medidas progressistas. A consolidação do partido, apesar de ter se estruturado sobre a candidatura do senador Mário Covas à presidência na primeira eleição direta após o período da ditadura, tornou-se concreta de fato por meio da eleição de Fernando Henrique Cardoso, em 1994.

Como já mencionado anteriormente, Duverger (1970) distinguiu a criação de partidos de duas maneiras: como fruto de grupos e associações que agem na sociedade



civil e, a maneira em que o PSDB surgiu tanto nacional quanto estadual, a partir da ação de elites parlamentares existentes. É claro que a influência de meios externos como crises também provocam esse tipo de ruptura, e isso reflete-se na mutabilidade da instituição, sua institucionalização.

Sua institucionalização fraca, ou seja uma organização com baixa concentração de controle, permite mais liberdade aos diretórios em relação a sua centralidade, o que só confirma a análise de que apesar da influência nacional, o partido no estado possui tópicos divergentes, como um posicionamento mais centro-direita, até mesmo se relacionamento com pautas da esquerda.

É válido ressaltar que esse tipo de atitude é válido, uma vez que o ambiente reflete nas escolhas de cada pleito, ou seja, a opinião pública é a base de tomadas de decisão a respeito de agenda política, debates e projetos, isso é um meio externo que pode afetar diretamente a organização do partido em cada lugar, pode-se dizer que a insatisfação gera mudanças.

No Piauí, o partido surgiu em 19 de agosto de 1988, também a partir de insatisfações por parte dos parlamentares do PMDB. Nessa época essa negatividade para com o partido partiu do desagrado pelo aspecto ideológico de centro, formado por uma ala mais conservadora do PMDB, do PFL, PTB e PDS.

Do ponto de vista das origens, portanto, se olharmos pela perspectiva de Duverger (1970) o PSDB nasceu de dissidências de lideranças de outros partidos, e assim emergiriam a partir de dentro do sistema político. Porém, se avaliarmos pelo prisma de Panebianco (2005), vimos que o PSDB emergiu a partir de um centro que estimulou o seu desenvolvimento por penetração territorial, observados a arregimentação de lideranças, como salientado pelos discursos de seus atores, no interior do estado do Piauí. (MARTINS, 2020, p. 166).

De acordo com a entrevista realizada por Martins (2020) juntamente com Reis Filho, sabe-se que existiu influência de Raimundo Wall Ferraz sobre a criação do partido, porém ele só chegou a adentrá-lo, dois anos mais tarde, expandindo a sigla na capital e carregando a vitória nas eleições para prefeito do município de Teresina, em 1992.

O que leva a discussão de por que o PSDB não conseguiu expandir sua linha de poder para o interior do estado, afinal, sua concentração na capital é notória assim como sua ineficácia na corrida pelo governo do Piauí. De acordo com a entrevista promovida por Martins (2020) com o ex-presidente do partido, Roberto Reis, o partido possui

dificuldade em alinhar seu discurso com os interesses e realidades dos eleitores do interior do estado, causa gerada, de acordo com ele, por circunstâncias da própria formação do partido: elite econômica, financeira e escolarizada com base, principalmente, em Teresina.

Em entrevista com outro membro fundador do partido, Glória Maria Veras de Sandes Freitas – Secretária geral do partido em sua organização –, o partido tinha o intuito de abrigar os insatisfeitos com o PMDB, em uma posição ideológica de centro-esquerda.

Além disso, sua formação tornou o partido frágil pela perspectiva ideológica, uma vez que os membros participantes não se preocupavam com esses aspectos a respeito dos novos afiliados, fato que só se agravou com a chegada de Wall Ferraz.

'Lembro' do dia em que Wall Ferraz reuniu-se com a direção do PSDB para anunciar que pretendia ingressar no partido. [...] Eu falei, professor, gostaríamos que qualquer acordo feito seja discutido com a direção estadual. E ele, gritando, já zangado: eu sabia que não me queriam neste partido. Gritava saltando da cadeira. O Manoel Emilio gritou calma, Wall, ela não está dizendo isso e sim que tudo deve ser discutido. (MARTINS, 2020, p. 168).

Glória Maria ressalva em sua entrevista a Martins (2020) que o que levou a fundação do PSDB foi a mesma motivação da qual deu-se origem ao partido no nível nacional.

O MDB, e depois o PMDB, era uma federação de partidos que ia da esquerda radical aos liberais; no centro, muitos oportunistas e clientelistas sem qualquer ideologia. Estavam todos juntos por causa da camisa de força imposta pela ditadura, que não permitia a criação de outros partidos. (MARTINS, 2020, p. 169).

Martins (2020) conclui que mesmo que o PSDB tenha derivado dos dissidentes do PMDB, no Piauí, o partido permanece dominado por “caciques”, figuras carismáticas. Refletindo-se a respeito de seu nascimento, o partido deteve-se sobre grandes centros urbanos, passando despercebido pelo interior. No estado, o autor acredita que:

há uma distonia entre os líderes da capital e os chefes políticos do interior, o que leva até que as lideranças do interior desconfiam das verdadeiras intenções dos políticos de Teresina. A cúpula do partido em Teresina não procura interagir com os do interior. A conquista do poder não significa a participação dos interioranos no governo. A linguagem de um não é entendida pelo outro. (MARTINS, 2020, p. 181).

Essa análise se comprova quando o pesquisador questiona Arimatéia Azevedo a respeito dessa concentração da elite do PSDB na capital:

O modelo aplicado pelo PSDB no Piauí é o mesmo de outros Estados. O PSDB se restringe aos grandes centros. E, pior do que isso, não demonstra muito interesse em ser entendido, compreendido, pelas lideranças das pequenas cidades. Despontaram como grandes líderes do PSDB no Piauí, o falecido prefeito Wall Ferraz (que saiu do PMDB), o ex-senador Chagas Rodrigues (antigo PMDB), o prefeito Firmino Filho e o ex-prefeito Silvio Mendes. A não ser a incursão feita ao interior pelo ex-presidente da Sigla, o ex-senador Freitas Neto (antigo PFL) e pelo à época deputado estadual Wilson Martins (atual governador, do PSB), o PSDB pouco avançou no interior. Na política, o partido aparece como fiel da balança em eleições majoritárias, estaduais, mais pelo quinhão de votos da capital que pelo número de prefeitos que detém no interior. (MARTINS, 2020, p. 181).

Em outras palavras, preserva-se um modelo de partido, trazendo cultura e clima organizacional de outras realidade, o que não se adequa a realidade piauiense na política, gerando essa detenção partidária na capital, Teresina.

**Tabela I – Candidatos a governador no Piauí (1998 – 2018)**

ANO	NOME	PARTIDO	% VOTOS VÁLIDOS	POSIÇÃO NA DISPUTA	SITUAÇÃO	COLIGAÇÃO
1998	FRANCISCO GERARDO DA SILVA	PSDB	12,98%	3º lugar	Não eleito	PT / PSC / PSDB / PSB
2002	HUGO NAPOLEÃO DO REGO NETO*	PFL	44,06%	2º lugar	Não eleito	PFL / PSDB / PPB / PRTB / PSDC / PRP
2006	FIRMINO DA SILVEIRA SOARES FILHO	PSDB	12,21%	3º lugar	Não eleito	PPS / PV / PSDB / PT do B
2010	SILVIO MENDES DE OLIVEIRA FILHO	PSDB	41,07%	2º lugar	Não eleito	PSC/PPS/DEM/PSDB
2014	ANTONIO JOSE DE MORAES SOUZA FILHO*	PMDB	33,25%	2º lugar	Não eleito	PMDB / PSDB / PSB / PRB / PDT / PSL / PT N / PPS / DEM / PSD C / PMN / PTC / PSD / PC DO B / PT DO B / PV / PEN
2018	LUCIANO NUNES SANTOS FILHO	PSDB	17,30%	3º lugar	Não eleito	PSDB/ PSB/DEM

**Fonte: Dados extraídos do repositório do TSE**

\* Os vices dos candidatos que pertenciam ao PSDB.

É válido mencionar previamente que uma das figuras mais importantes do partido no Piauí, Wall Ferraz foi candidato a governador em 1990, mas foi derrotado por Freitas Neto, que curiosamente, fazia parte de um dos maiores aliados do PSDB, PFL.

A Tabela I demonstra as candidaturas que faziam parte do PSDB ou que receberam apoio do mesmo, como Hugo Napoleão (PFL) em 2002, mas seu vice era Fernando Said (PSDB) e Antônio José de Moraes Souza Filho, mais conhecido como Zé Filho (PMDB) – que assumiu a gestão de Wilson Martins quando ele se retirou do cargo para disputar as eleições para Senador em 2014 –, neste mesmo ano, Zé Filho concorreu ao cargo de Governador do Estado, tendo como vice Sílvio Mendes (PSDB).

Conforme já citado, o partido pode ter expandido e atingido resultado após a eleição de FHC, mas essa expansão rápida também provou fragilidade, como a tabela demonstra, ao longo dos anos, mesmo que o partido tenha se aliado a diversos outros em coligações, ainda não conquistou o pleito. Em 1998, ele migrou de maneira ideológica para a posição de direita em seu cerne, porém, ao observar suas coligações no mesmo ano para o cargo de governador do Piauí, percebemos que o diretório estadual não adotou totalmente dessa dinâmica, uma vez que se relacionou com dois partidos de esquerda claros, PT e PSB, o que remete a Celso Roma, quando afirma que a criação do PSDB se deu de maneira pragmática, uma vez que iniciou-se como centro-esquerda – o que explica sua relação com partidos de esquerda como PT e PSB – e sua mudança para centro-direita, logo após a conquista nas eleições presidenciais em 1998.

O ponto de divergência é a maneira como o partido tem fraca atuação no estado, mas uma presença tão forte na capital, uma vez que esteve no poder de 1993 a 2020 – como nesta pesquisa leva-se em consideração apenas o período de 1998 a 2020, os dados anteriores não são apresentados nas tabelas –, excetuando-se apenas dois anos de 2010-12, quando o prefeito Sílvio Mendes afastou-se do cargo, dando lugar ao vice, Elmano Férrer, PTB.

Uma presença de praticamente três décadas que teve fim nas urnas em 2020 de maneira surpreendente.

## 5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa centra-se no período de 1998 a 2020, fazendo um resgate da formação dos partidos, principalmente do enfoque desta análise, o PSDB, desde sua fundação nacional, até seu estabelecimento no estado do Piauí. Tendo acesso à base de dados disponibilizados nos bancos de dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e dos Tribunais Regionais Eleitorais (TREs), CEPESP, além do site oficial do partido, bem como gráficos disponibilizados pelo Ibope, para veiculação na mídia. Objetiva-se obter destes portais, os votos válidos, afiliações dos candidatos, coligações feitas pelos seus partidos dentro dos resultados das eleições na temporalidade da pesquisa. Além disso, enfoca-se, principalmente, nos resultados pelo cargo do executivo na capital do Piauí, Teresina, para desenvolvimento da análise da eleição de 2020, além de uma perspectiva da situação do partido após a mesma e a morte de uma de suas principais lideranças, Firmino Filho.

## 6. PSDB EM TERESINA

**Tabela II – Eleitos a prefeito em Teresina-PI (2000 – 2020)**

ANO	NOME	% VOTOS VÁLIDOS	PARTIDO	COLIGAÇÃO
2000	FIRMINO DA SILVEIRA SOARES FILHO	60,88%	PSDB	PSDB/PMDB/PSL/PST/PSC/PHS/PV/PT do B/ PMN
2004	SILVIO MENDES DE OLIVEIRA FILHO	58,48%	PSDB	PTB/PL/PTC/PV/PSDB
2008	SILVIO MENDES DE OLIVEIRA FILHO	70,36%	PSDB	PSC/PPS/DEM/PSDB
2012	FIRMINO DA SILVEIRA SOARES FILHO	51,53%	PSDB	PSC/PPS/DEM/PSDC/PSDB/PS D/PTdoB
2016	FIRMINO DA SILVEIRA SOARES FILHO	51,14%	PSDB	PSDB/ PMDB/ PRB/ PSB/ PSDC/ PP/ PMB/ PV/ PSL/ SD/ PRP/ PRTB/ PCdoB/ PTdoB/ PPS/ DEM/ PDT/ PEN/ PSC/ REDE/ PPL
2020	JOSÉ PESSOA LEAL	62,31%	MDB	MDB/PSB/PRTB

**Fonte: Dados extraídos do repositório do TSE**

Wall Ferraz inaugurou a posse do PSDB na cadeira do executivo da capital do Piauí nas eleições de 1992, seguido por Firmino Filho, o único candidato há obter quatro mandatos no cargo. O qual ocupou o cargo de Secretário Municipal de Finanças de Teresina de 1993 a 1996, saindo apenas para ingressar na disputa de 1996, vencer e conseguir se reeleger em 2000, como demonstra a Tabela II, com 60,88% dos votos válidos.

Sílvio Mendes, ocupou o cargo de presidente da Fundação Municipal de Saúde nas gestões de Wall Ferraz de seu vice, Chico Gerardo, em 1993 a 1996, e em ambos os mandatos de Firmino Filho de 1996 a 2004, saindo apenas para concorrer à prefeitura neste último ano, quando venceu por 58,48% dos votos válidos e se reelegeu em 2008, com 70,46% dos votos válidos contra Nazareno Fonteles (PT), com a maior porcentagem de votos válidos entre todos os eleitos analisados nesta pesquisa, como demonstra na tabela acima.

Firmino dá continuidade a posse do PSDB com dois mandatos, destacando-se que o ano de 2020 com o advento da pandemia pelo Covid-19, foi o último ano de sua gestão, até indicar um “sucessor” como candidato a disputa, Kleber Montezuma, que perdeu para José Pessoa Leal, mais conhecido como Dr. Pessoa, que obteve 62,31% dos votos válidos.

Dr. Pessoa que iniciou sua carreira política pelo PMDB em Água Branca, ganhou seu primeiro pleito em 2000, como vereador de Teresina pelo PPS e voltou a ocupar o cargo pelo PDT em 2004 e em 2008. Uma figura sempre presente nas eleições, conquistou o mesmo cargo em 2011 pelo PSD e chegou a se tornar deputado estadual em 2014, sendo derrotado por Firmino Filho em 2016 pelo cargo de Prefeito de Teresina e por Wellington Dias em 2018, pelo cargo de Governador do Estado. Atingindo a vitória em 2020 ao suceder Firmino Filho na Prefeitura de Teresina.

A presença característica de duas figuras, Firmino e Sílvio, que estão à frente do partido há tantos anos atuando como deputados estaduais, federais, secretários de educação carregaram o peso de uma constante na cadeira do executivo municipal, mesmo assim, esse tipo de influência não atinge o resto do estado, levando-se em consideração que apenas a capital possui mais de 200.000 habitantes, o impacto de campanhas apenas em Teresina afeta uma tentativa ao governo. Uma vez que campanhas características do marketing petista, por exemplo, é a aproximação com o público das classes trabalhadoras no interior do estado.

## 7. ELEIÇÃO DE 2020 EM TERESINA

Nas eleições de 2020, houve um aumento no número de candidatos na disputa pelo cargo do executivo do município de Teresina, com cerca de 12 concorrentes, o maior número desde 1992<sup>5</sup>.

O grande número de candidatos nessas eleições pode ser atribuído a um possível efeito do fim das coligações proporcionais, que levou a lançamento de candidaturas por partidos como forma de criar uma âncora para os candidatos a vereador de seus partidos, mas é também possível afirmar que a dinâmica de mudança favoreceu a apresentação de diversas candidaturas por vários partidos. (BONFIM; SANDES-FREITAS, 2021, p. 262).

Quanto ao pleito em 2020, o candidato indicado por Firmino Filho que não poderia mais se reeleger é Kleber Montezuma (PSDB), ex-secretário municipal de Educação e Cultura, de Habitação e Urbanismo e de Trabalho e Assistência Social. Vale ressaltar que todos esses anos de trabalho nestas funções foram em pleitos de gestão peessedebista. Por outro lado, um candidato pouco conhecido por não ter ocupado cargos eletivos, o que gerou um impacto negativo em sua candidatura além da pandemia de covid-19.

Firmino Filho que de todos os ocupantes do cargo, foi o de maior destaque por conseguir quatro mandatos desde que o PSDB assumiu a prefeitura em 1993, viu seu mandato e consequentemente a campanha para um sucessor ser prejudicada justamente pelas medidas a serem tomadas mediante a pandemia.

Medidas essas que obtiveram sucesso ao tentar ao máximo combater a propagação da doença e evitar que o sistema de saúde da cidade entrasse em colapso, porém, essas mesmas medidas apresentaram um alto custo político.

A capital piauiense é, fortemente, dependente do setor de serviços. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE6) para 2018, último ano da série histórica disponível, a atividade econômica de Serviços – exclusive administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social – foi responsável por 61% do valor adicionado bruto, em valores corrente, do Produto Interno Bruto (PIB) de Teresina. Logo, as medidas adotadas carregam o potencial de afetar diretamente a economia, o que levou a uma condição política intrincada para o grupo governista. (BONFIM; SANDES-FREITAS, 2021, p. 262).

---

<sup>5</sup> Informação do artigo: Eleições de 2020 em Teresina (PI) por Raul Wesley Leal Bonfim e Vitor Eduardo Veras de Sandes-Freitas. P. 261

A taxa de aprovação da gestão de Firmino diante a pandemia foi veiculada por meios de notícia, através de dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE):

**Gráfico I: Avaliação administrativa da gestão de Firmino Filho em 2020**

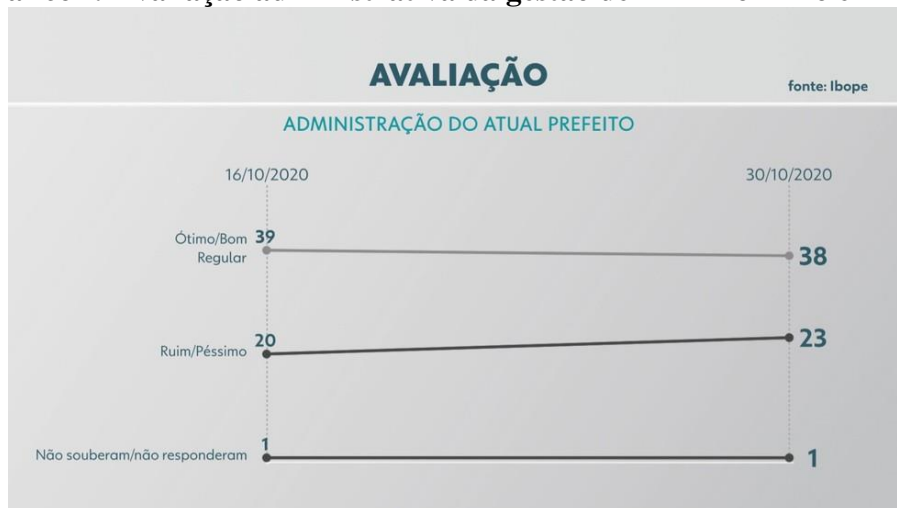


Foto: Reprodução /TV Clube

O adversário de Dr. Pessoa (MDB), Kleber Montezuma, destaca-se por estar constantemente nas disputas eleitorais e apesar de não ter obtido o resultado esperado, sua construção de imagem como candidato apto a política, além de permanecer na memória do eleitorado, constituiu um de seus pontos mais fortes para a eleição de 2020.

Com resultados políticos significativos, o candidato busca um partido com força eleitoral capaz de derrotar o PSDB, associando-se ao MDB em 2019, além de contar com o apoio de mais dois partidos: PRTB e PSB.

De acordo com o Ibope no Gráfico I, um levantamento revelou que a gestão do então prefeito, em outubro de 2020, Firmino Filho possuía aprovação entre Ótima/Bom (39%), Regular (39%), Ruim (20%) e apenas 1% não respondeu, dados que saíram tão próximo da ida as urnas animou a perspectiva do partido a respeito do candidato. Porém, com a estratégia de associar o candidato peessedebista a educação muito fraca, sem conseguir disputar a preferência dos eleitores, optou-se por associar sua imagem com a do então gestor, Firmino, o que levou a decisão ao 2º turno.

No primeiro turno, Dr. Pessoa obteve 34,5% dos votos válidos, enquanto que Montezuma ficou com 26,7%. No segundo turno, o candidato emedebista obteve apoio de Gessy Fonseca (PSC), que ficou em terceiro lugar no primeiro turno com 12,1% dos



votos válidos. Além do apoio do Governador do Estado, Wellington Dias e o candidato e deputado federal, Fábio Abreu também declarou seu apoio ao Dr. Pessoa. Já Montezuma, participou do segundo turno de maneira isolada, uma vez que por seu posicionamento ideológico mais à direita, dificultou se aliar a esquerda e perdeu fortes apoios à direita, como o PSC.

Os resultados de 2020 refletem a respeito da própria estrutura do partido desde sua fundação, como já citado por Duverger, o PSDB classifica-se no que ele chama de partido de quadros, com seu surgimento a partir da ação de elites parlamentares existentes, uma organização descentralizada, uma vez que focou em sua expansão após a vitória no pleito presidencial em 1998. No Piauí, com uma estrutura frágil proveniente de outras regiões, suas dificuldades só pioraram a medida que as afiliações eram de baixo critério e com um enfoque alinhado com o diretório nacional na busca por estar presente no poder apenas.

O fato de essas características constituírem bem como o partido é, também leva a análise a respeito das figuras que estiverem guiando-o, ou melhor, o carisma de alguns indivíduos. Uma das dúvidas que surgiram ao longo desta pesquisa devido a repetitividade das “caras” levando o partido ao poder foi se a construção do próprio não estaria situada sobre o que Panebianco chama de carisma situacional.

Um estado de intenso estresse social, que predispõe as pessoas (...) a perceber como extraordinariamente qualificada e a seguir com lealdade entusiástica uma liderança que oferece um caminho de salvação para a situação de estresse. (PANEBIANCO, 2005, p. 98).

Em outras palavras, trata-se de um líder cuja personalidade cativa por oferecer respostas e liderança confiante, em tempos difíceis. Pode-se dizer que é aquele capaz de atender as demandas dos que o seguem de maneira adequada. Algo que Firmino Filho e Sílvio fizeram em suas campanhas para cativar seu público foi sempre utilizar da educação e saúde para estar sempre em contato com sua base eleitoral e mantê-la fiel.

## 8. CONCLUSÕES

Com uma formação mais elitizada e de difícil conexão com as áreas interioranas do estado, o PSDB se vê amarrado a estrutura criada pelo diretório nacional com estratégias que não casam com seu cenário piauiense. Essa discrepância afeta diretamente suas disputadas estaduais. Com o impacto da saída do partido da cadeira do executivo da capital, o cenário torna-se mais negativo dessa perspectiva.

Outro fator importante a ser considerando em relação ao futuro do partido, é a morte de uma das maiores lideranças carismáticas do partido, Firmino Filho. Com a evasão de suas figuras mais expressivas como Marden para o PP, Sílvio e até mesmo, Montezuma para o União, faz-se pensar como será a perspectiva para as eleições municipais de 2024.

Essa situação assomada a tragédia do ex-prefeito, faz-se a questão: o partido que não buscava entender as ideologias de seus afiliados e sem a margem de conquista do cargo de poder, pode ter centrado-se sobre o alicerce do carisma pessoal? Com campanha bem-sucedidas com base na imagem de um candidato que atrai o público? Algo mais personalista?

Panebiaco (2005) afirmou: “um líder cuja personalidade não é de tendência messiânica, (porém) evoca uma resposta carismática simplesmente porque oferece, em tempos difíceis, uma liderança que é sentida como recurso e meio de salvação”.

Como já dito anteriormente, o carisma situacional aponta para figuras que se mostrem válidas em suprir as necessidades daqueles que o seguem em tempos difícil, mas que centra-se em uma pessoa específica, por assim dizer. Partidos de carisma puro são raros como o autor afirma, uma vez que esse carisma inerente a posição de líder seria passado para outros como uma espécie de “rotinização” e devido a isso, poucos partidos carismáticos sobrevivem.

O efeito desse carisma abrange a capital, porém não o estado como um todo, graças as diversas características estruturais apresentadas durante a pesquisa, pode-se compreender melhor porque o partido tem dificuldades para atingir o poder do Estado e como essa fragilidade afetou até mesmo sua concentração na capital.

## 9. REFERÊNCIAS

AMARAL, O. (2013). **O que sabemos sobre a organização dos partidos políticos: uma avaliação de 100 anos de literatura.** *Revista Debates*, 7(2), 11–32. <https://doi.org/10.22456/1982-5269.38429>

BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco: **Dicionário de Política.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., p. 898-905, 1998.

BONFIM, Raul Wesley Leal; SANDES-FREITAS, Vitor Eduardo Veras de. **Eleições de 2020 em Teresina (PI).** 2021, p. 255-269.

COUTO, Cláudio G. e Abrucio, Fernando. **O segundo governo FHC: coalizões, agendas e instituições.** *Tempo Social* [online]. 2003, v. 15, n. 2 [Acessado 30 Abril 2022], pp. 269-301. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-20702003000200011>>. Epub 04 Jun 2007. ISSN 1809-4554. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702003000200011>.

DUVERGER, Maurice. **Os Partidos Políticos.** Rio de Janeiro: Zahar/UnB, 1980.

KATZ, Richard; MAIR, Peter. Changing Models of Party Organization and Party Democracy: The Emergence of the Cartel Party. **Party Politics**, London, v. 1, n. 1, p. 5-28, 1995.

KIRCHHEIMER, Otto. A transformação dos sistemas partidários da Europa Ocidental. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 7, p. 349-385, abril de 2012.

LAPALOMBARA, Joseph; WEINER, Myron. **The origin and development of political parties.** 2015.

MARTINS, Ricardo Henrique Chaves. **O PSDB do Piauí: trajetórias e desafios (1988-2010)** / Ricardo Henrique Chaves Martins. – Teresina: EDUFPI, 2020.

PANEBIANCO, Angelo. **Modelos de partido:** organização e poder nos partidos políticos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ROMA, Celso. A institucionalização do PSDB entre 1988 e 1999. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 71-92, 2002.

WEBER, M. *Economia e Società.* Comunità. Milano 1961. Pp. 241-42, 718-28 do II volume, 1922.